



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

AS MULHERES NA VISÃO DE UM VIAJANTE INGLÊS – SÉCULO XIX

Solange Mouzinho Alves
Solange Pereira da Rocha
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

Esta comunicação é parte integrante das discussões realizadas no Grupo de Pesquisa “Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista”, vinculado ao Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba e tem por finalidade abordar a visão do viajante inglês, Henry Koster, em relação às mulheres quando este visitou Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão nas primeiras décadas do século XIX. Buscaremos em seus relatos, identificar as representações sobre as mulheres que estavam inseridas na sociedade oitocentista. Assim, buscaremos examinar o comportamento, o convívio e a inserção dessas mulheres no meio social, inclusive, chamaremos a atenção também para as mulheres escravizadas. Neste aspecto, é interessante destacarmos suas impressões tendo em vista a origem de Henry Koster, a Inglaterra, nação que condenava a escravidão e que possuía um padrão de vida mais “avançado” em relação ao Brasil, país que mesmo após a independência política manteve o sistema escravista. Desta forma, como suporte para o nosso estudo, utilizaremos os dois livros escritos por Koster – *Viagens ao Nordeste do Brasil*, volumes I e II.

Palavras-chave: Mulheres – Século XIX - Viajantes

Introdução

Esse artigo é parte integrante das leituras e pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa “Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista” e para tanto optamos analisar nos discursos de Henry Koster – viajante e comerciante inglês – sobre as mulheres. Para isso, fizemos a leitura do seu livro o qual se intitula *Viagens ao Nordeste do Brasil*, editado em dois volumes com o objetivo de, a partir da sua visão, entender como as mulheres estavam inseridas na sociedade oitocentista no Brasil.

No entanto, é importante ressaltar que as observações realizadas por Henry Koster limitam-se as regiões pelas quais passou: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão. Porém, nada nos impede, na medida do possível, fazermos generalizações às quais nos possibilitem um conhecimento mais abrangente da situação



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

das mulheres em outras regiões do Brasil. Para cumprirmos esse objetivo, utilizamos, ainda, como suporte de pesquisa, livros organizados e escritos por estudiosas sobre a temática das mulheres a exemplo de *História das mulheres no Brasil*, organizado pela autora Mary Del Priore.

Pesquisas referentes às mulheres são algo recente na historiografia e ocorreu em consequência do advento da Escola dos Annales, no início do século XX, a qual está associada a “A Nova História” (BURKE, 1992, p.9).

Segundo Peter Burke (1992), A Nova História surgiu em oposição ao modelo tradicional, amplamente praticada no século XIX – momento em que ocorreu a profissionalização do historiador. Este modelo dito “tradicional” propunha uma história predominantemente política baseada nos feitos dos grandes homens, tendo como recurso metodológico a utilização das fontes oficiais e manuscritas. Desta forma, pesquisas históricas relacionadas à infância, à feminilidade, por exemplo, não ganharam a devida atenção dos pesquisadores desta corrente.

A Nova História, por sua vez, inicia uma pesquisa histórica interessada

[...] por virtualmente toda a atividade humana. [...] Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo [...], a feminilidade [...], a leitura [...], a fala e até mesmo o silêncio (BURKE, 1992, p.11).

Percebemos, desta maneira, que a Nova História proporcionou uma diversificação no estudo da História, novos objetos foram inseridos nas pesquisas o que nos possibilita hoje falarmos em uma História das mulheres.

No Brasil, conforme nos indica a autora Mary Del Priore, desde o final da década de 1970, pesquisas relacionadas à mulher foram iniciadas e, neste momento, os estudiosos da Fundação Carlos Chagas de São Paulo foram fundamentais neste processo, pois estes iniciaram um trabalho de recolhimento de material que possibilitou a construção de trabalhos voltados para a temática feminina. Além disso, essa fundação lançou concursos nos quais se oferecia bolsa de estudo para a elaboração de trabalhos, de modo que:

[...] Entre 1978 e 1985 surgiram *Vivência, Trabalhadoras do Brasil, Mulher, mulheres, Rebeldia e submissão, Entre a virtude e o pecado, Novos olhares:*



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

mulheres e relações de gênero no Brasil, além de um número especial do *Caderno de Pesquisas*, revista trimestral da Fundação Carlos Chagas (DEL PRIORE, p. 226, 2005).

A partir de então, vários trabalhos foram realizados sobre as mulheres. Neste sentido, a autora Del Priore cita os trabalhos de Magali Engel a qual abordou as mulheres prostitutas, *Meretrizes e doutores, saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*, São Paulo, Brasiliense, 1989; Luiz Mott que abordou sobre as mulheres escravas rebeldes, *Rosa Egipcíaca, uma santa africana no Brasil*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993; entre outros (DEL PRIORE, 2005, p. 227-453.). Na Paraíba, podemos citar a dissertação de Mestrado da professora Solange Rocha a qual pesquisou sobre as mulheres escravizadas na Paraíba, *Na trilha do feminino: condições de vida das mulheres escravizadas na província da Paraíba, 1828-1888*, apresentada na Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 2001.

Constatamos, dessa forma, que as mulheres é um campo recente da História e surgiu, como vimos, em consequência da Nova História, que buscou construir uma nova imagem das mulheres (negras, indígenas, brancas, etc.), mostrando as suas experiências e vivências a partir da utilização de novas fontes a exemplo dos “processos da Inquisição, processos-crime, leis, livros de medicina, crônicas de viagens, atas de batismo, casamento, óbito, diários, cartas, fotos” entre outros (DEL PRIORE, 2005, p. 234). O resultado obtido sob a análise dessas novas fontes documentais foi o resgate dessas vozes femininas antes silenciadas pela historiografia e o reconhecimento da sua ação perante o processo histórico¹.

Este trabalho, inspirado nessa nova vertente, procurou identificar as visões construídas por Henry Koster sobre as mulheres do Norte, no início do século XIX, visto que, atualmente, os relatos de viajantes são fontes históricas importantes e nos dão ricos indícios para compreender as relações sociais no fim do período colonial.

Segundo Luiz da Câmara Cascudo², Koster nasceu em Portugal, mas era filho de pais ingleses. Pouco se sabe da sua vida, pois nunca falava dos seus pais ou parentes.

¹ Para maiores informações sobre a historiografia desses novos trabalhos, ver DEL PRIORE, 2005, p. 217-235.

² Luis da Câmara Cascudo, originário do Rio Grande do Norte, viveu entre os anos de 1898 e 1986, tem uma vasta produção e é importante pesquisador sobre as raízes étnico-raciais no Brasil. Além disso, foi o responsável pela tradução e o prefácio da 12ª edição do Livro *Viagens ao Nordeste do Brasil* (www.fundaj.gov.br). Acesso em 31 ago. 2009).



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

Deduz-se que Henry Koster pertenceu a uma família de negociantes porque quando esteve no Ceará, em 1810, encontrou com um determinado senhor, Lourenço da Costa Dourado, que o reconheceu “pelo nome por ter relações comerciais com seus parentes em Lisboa” (KOSTER, 2002, p.43).

Henry Koster deixou a Inglaterra no dia 02 de novembro e chegou ao Recife a 07 de dezembro de 1809. Era tuberculoso e veio ao Brasil em busca de novos ares para melhorar o seu estado de saúde. Instalou-se no Recife e fez várias viagens – Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão – que lhe permitiu entrar em contato com diversas categorias sociais. Em 1815, retornou à Inglaterra e foi quando decidiu escrever *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Em 1816 voltou à Pernambuco e, segundo Câmara Cascudo, supõe-se que tenha falecido no Recife por volta de 1820 (KOSTER, 2003, p.18-19).

Na opinião do escritor Leonardo Dantas Silva³, *Viagens ao Nordeste do Brasil*, é um dos melhores livros que tratam sobre os primeiros anos do século XIX. Para tal afirmação, Silva cita, na apresentação da 11ª edição do referido livro, as seguidas reedições dessa obra. Por exemplo: a primeira edição é de 1816; a segunda, a terceira e a quarta edição são do ano de 1817; ou seja, num mesmo ano foram três edições seguidas. Além dessas, até o ano de 2003, as edições do referido livro totalizavam 12 edições, sendo as 1ª e 2ª edições publicadas em Londres, pela Longman, Hurst, Rees, 1816 e 1817, respectivamente; a 3ª edição saiu nos Estados Unidos, pela Filadélfia, USA: M. Carey & Son, em 1817; na França foram várias edições, a saber: a 4ª edição, pela Weimar, em 1817; a 5ª pela Crez Delaunay, em 1818; a 6ª pela Leipzig, em 1831; e a 7ª, por Paris, 1846. No Brasil, saiu a 8ª edição, em Recife, em 1898; a 9ª, por editora do Rio de Janeiro, em 1942; as 10ª e 11ª edições, novamente, em Recife, respectivamente em 1978 e 2002; por fim, a edição mais recente é de 2003, envolvendo editoras do Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza. Vale acrescentar, ainda, a recepção desta obra por outros autores da época a exemplo de Robert Southey, um renomado

³ Leonardo Dantas da Silva nasceu em 1945 na cidade do Recife, é escritor, jornalista, atua como editor de livros há 25 anos, é atualmente o Diretor da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco e foi o responsável pela apresentação da 11ª edição do livro *Viagens ao Nordeste do Brasil* editado pela referida editora no ano de 2002 (www.memorialpernambuco.com.br/memorial/paginas/recife_leonardo/4historia_recife.htm). Acesso em: 31 ago. 2009.



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

poeta inglês que elogiou o livro de Koster e o utilizou para escrever o terceiro volume da sua *History of the Brazil* (1816). Além desse autor, estudiosos/as contemporâneos de várias temáticas tem utilizado sistematicamente os relatos de Koster como importante fonte histórica para compreender a sociedade brasileira no fim do período Colonial. Desta forma, não restam dúvidas para a relevância da obra produzida por Henry Koster.

Contudo, antes de nos debruçarmos sobre a escrita do referido viajante, faz-se necessário fazermos um breve esboço histórico do período da sua chegada ao Brasil.

Como vimos, Koster desembarcou no Recife em 1809 – um ano depois da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil (1808). A vinda da Coroa Portuguesa produziu uma série de transformações a exemplo da abertura dos portos brasileiros às nações amigas que permitiu ao Brasil manter relações comerciais com a Inglaterra. Além das mudanças econômicas, os modos, os costumes e até mesmo questões urbanísticas foram modificadas em consequência da transmigração da Família Real. O Rio de Janeiro, local em que a corte se estabeleceu, passou por uma série de transformações urbanísticas para melhor acolher a Família Real. Todas essas mudanças influenciaram a vida das pessoas e um novo modelo de vida passou a ser vivenciado no Brasil, principalmente entre as mulheres, como veremos mais adiante.

Agora é o momento de conhecermos a narrativa de Koster. *Viagens ao Nordeste do Brasil* está dividido em dois volumes. O primeiro refere-se às viagens empreendidas pelo autor que viajou, após instalar-se no Recife, nas áreas do Norte: Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão. No segundo volume, o autor trata da organização dos engenhos, dos trabalhos desempenhados pelos escravos e homens livres. No geral, a narrativa de Henry Koster aborda a vida e os costumes das regiões pelas quais passou sem, contudo, deixar de mencionar aspectos econômicos. No entanto, iremos concentrar nossa discussão na sua abordagem descritiva dos costumes na qual se enquadram as mulheres, objeto da nossa análise.

Ao fazer a leitura dos livros de Koster, não podemos deixar de observar a “estranheza” que alguns costumes brasileiros lhe causaram, pelo fato dele ser um estrangeiro que narra outra cultura, cujas relações sociais eram baseadas na escravidão.

Ao chegar ao Recife, Koster instala-se em Cruz das Almas (Recife) e passa a ter contato com as pessoas da região, inclusive, posteriormente, torna-se proprietário de



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

engenho e de escravos. É convidado para jantares, festas, reuniões e a partir deste convívio, o autor observa os costumes das pessoas. O viajante inglês presenciou cenas que o deixaram impressionado, como aconteceu na comemoração da sexta-feira santa. Na igreja, fizeram uma encenação da crucificação e morte de Cristo com tanta exatidão e realismo que o surpreendeu, pois não tinha “a idéia de que levariam tão longe a representação” (KOSTER, 2002, p.88). Para um inglês, conhecido pelos hábitos moderados e contidos, a cena deve ter parecido um exagero.

Referente às mulheres da elite, Koster percebeu que esta tinha uma vida muito reservada se comparada com as negras. Segundo ele, nas ruas do Recife

[...] Não se vêem as mulheres além das escravas negras, o que dá um aspecto sombrio às ruas. As mulheres portuguesas e as brasileiras, e mesmo as mulatas de classe média, não chegam à porta de casa durante todo o dia. Ouvem a Missa pela madrugada, e não saem senão em palanquins, ou à tarde, a pé, quando, ocasionalmente, a família faz um passeio (KOSTER, 2003, p.40).

A partir deste relato, não podemos analisar a situação da mulher no período oitocentista de forma homogênea. Vimos que a mulher da elite, geralmente branca, permanecia no interior de suas casas. As mulheres negras de condição livre, liberta⁴ ou escrava eram as que circulavam pelas ruas e estradas, muitas delas comercializando bolos e frutas⁵ (KOSTER, 2003, p. 48).

No convívio social, as mulheres da elite falavam pouco e sempre conversavam com outras mulheres. Nas festas e reuniões, geralmente, formavam-se grupos de homens e mulheres os quais se divertiam entre conversas e jogos. Na sociabilidade entre a população negra, por sua vez, Koster observou que

Os negros livres também dançavam, [...]. As danças lembravam as dos negros africanos. O círculo se fechava, e o tocador de viola sentava-se num dos cantos, e começava uma simples toada, acompanhada por algumas canções favoritas, repetindo o refrão, e freqüentemente um dos versos era improvisado e continha alusões obscenas. Um homem ia para o centro da roda e dançava minutos, tomando atitudes lascivas, até que escolhia uma mulher, que avançava, repetindo os meneios não

⁴ O termo liberta (o) refere-se a pessoa que fora escravizada, mas que obteve a liberdade através da carta de alforria.

⁵ As escravizadas que exerciam este tipo de trabalho eram denominadas escravas de ganho, o valor obtido pertencia ao seu proprietário.



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

menos indecentes, e esse divertimento durava às vezes até o amanhecer (KOSTER, 2003, p. 315).

Observamos, a partir deste relato, um comportamento social diferenciado entre mulheres inseridas no grupo das elites, tanto as brancas como as “mulatas” e as populares, geralmente, as negras. Assim, as primeiras deviam se comportar de forma contida enquanto as segundas participavam das danças, estas entendidas pelo viajante como indecentes. Podemos notar, então, que as mulheres da elite estavam submetidas a normas sociais mais rígidas enquanto as camadas populares, neste caso, as mulheres negras livres ou libertas, pobres ou escravizadas, se submetiam a normas diferenciadas, a estas não eram proibidas as danças como vimos na citação acima.

Além disso, no trato com as famílias elitizadas, Koster observou a positividade do contato entre Brasil e Inglaterra que ocorreu a partir da abertura dos portos em consequência da transferência da Família Real Portuguesa ao Brasil. Henry Koster percebeu

[...] uma considerável mudança nas maneiras da alta classe do povo. A baixa nos preços de todos os artigos de tecidos, a facilidade de obter, a custo cômodo, louça de barro, cutelaria e linho para mesa, de fato, foram efeitos que devem ter impressionado os brasileiros, assim como o aparecimento de um novo povo entre eles a esperança de melhor situação para todos, a de ver o país tomar vulto, reanimando em muitas pessoas as idéias que dormiam há tempos, desejando mostrar o que possuíam. O dinheiro apareceu para atender às novas exigências (KOSTER, 2002, p.98).

Desta forma, Koster viu a influência inglesa como uma possibilidade de melhoramento do país. E, realmente, ele constatou isso ao retornar da Inglaterra pela segunda vez em 1811 ao notar algumas modificações nos costumes das pessoas:

Notei uma modificação considerável no aspecto do Recife e de seus habitantes [...]. Várias casas tinham sido separadas e as rótulas, sombrias e pesadas, foram substituídas pelas janelas, com vidros e balcões de ferro. Algumas famílias haviam chegado de Lisboa e três outras da Inglaterra. As senhoras das primeiras davam o exemplo, indo à missa a pé, em plena luz solar, e as damas inglesas tomaram por hábito passear, todas as tardes, por distração. [...]. As fazendas de seda e cetim, tomadas de uso normal para roupa nas festas e dias santos, foram logo vencidas pelas musselinas brancas e de cor e tecidos de algodão. Os homens que antigamente compareciam todos vestidos de preto, com fivelas de ouro e tricórnio, não faziam grande



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

questão em substituí-lo pelas calças de nanquim, meia-botas e chapéus redondos (KOSTER, 2003, p. 258-259).

Constatamos, desta maneira, que Henry Koster percebeu algum melhoramento a partir da adoção dos costumes e dos produtos ingleses. Neste sentido, podemos agora retomar a questão que havíamos iniciado anteriormente a respeito do impacto material e social que a vinda da Corte proporcionou ao Brasil. A partir das observações de Koster, percebemos que esse impacto não se restringiu ao Rio de Janeiro, as regiões do Norte também sofreram essas influências nas quais os costumes e produtos europeus eram adotados e, inclusive, servia de exemplo, como observamos na citação acima a respeito das mulheres européias que davam o exemplo ao passearem todas as tardes – hábito incomum entre as brasileiras da época.

Após termos relatado as percepções do referido viajante, a questão que nos cabe responder agora é: qual a visão de Henry Koster em relação às mulheres? Em sua escrita, numa abordagem geral, Koster identifica as mulheres da elite como reclusas, as mulheres negras, por sua vez, são as que detêm maior mobilidade. No entanto, vale analisarmos e questionarmos qual o sentido da reclusão da mulher elitizada e qual a condição das mulheres negras na sociedade oitocentista. Para fazermos isso, buscamos correlacionar os relatos de Koster com estudos mais recentes sobre a mulher.

Em relação à mulher da elite, observamos através da autora Maria Ângela D’Incao em seu texto *Mulher e Família Burguesa* que a nova condição imposta à mulher no século XIX está intimamente ligada à influência da Corte a qual impunha novos costumes. Esses novos costumes estão ligados ao “desenvolvimento das cidades e da vida burguesa no século XIX” (D’INCAO 1997, p.228). Neste momento, a mulher da elite passa a assumir um papel mais “ativo” no interior da casa. Esta agora percebida como um ambiente privado, onde a intimidade é valorizada. Mas, ao mesmo tempo em que a casa torna-se um ambiente privado, ela passa a ser vista/freqüentada por familiares e pessoas mais íntimas.

A mulher, gradativamente, vai saindo do interior das casas, buscando ambientes públicos, a exemplo dos cafés e teatros. Desta forma, a mulher é submetida ao olhar avaliativo dos demais, por isso exigiu-se um padrão de comportamento entre as mulheres da elite:



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

[...] a emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visavam “educar” a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família – a medicina, por exemplo, combatia severamente o ócio e sugeria que as mulheres se ocupassem ao máximo dos afazeres domésticos. Considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole (D’INCAO, 1997, p. 230).

Desta forma, quando Koster identifica a mulher branca como reclusa, esse posicionamento provavelmente seja resquícios de um comportamento comum da época. Não podemos esquecer que Henry Koster chegou ao Recife no final da primeira década do século XIX, somente no desenrolar do Oitocentos, a partir das modificações proporcionadas pela Corte portuguesa é que os novos costumes foram adotados. A mulher torna-se mais livre, mas é uma liberdade vigiada. Neste sentido, podemos analisar o sentido da reclusão que Koster enfatiza. A reclusão está ligada a preservação da virgindade das mulheres destinadas ao casamento e após o casamento ela deve ser fiel ao seu marido.

Para analisarmos a condição das mulheres negras, utilizamos o texto da autora Miridan Knox Falci – *Mulheres do sertão nordestino*. A autora classifica a sociedade sertaneja como “altamente estratificada entre homens e mulheres, entre ricos e pobres, entre escravos e senhores, entre ‘brancos’ e ‘caboclos’” (FALCI, 1997, p.242). Desta forma, numa sociedade extremamente hierarquizada, as mulheres ocupavam um posto secundário e pior era a situação das mulheres escravizadas. Assim, a vida destas mulheres era muito difícil e sofrida. Para exemplificar isso, Falci fala da separação entre mães e filhos:

A escrava Iria teve um filho de nome Silvério, mas dele se separou por ter sido vendida para bem longe, lugar ignorado pelo filho. No testamento do liberto Silvério Cezar Burlamaqui, de 15 de julho de 1875, em Oeiras, já doente de cama, ele declara ser natural do termo da vila do Brejo do Anapurus da província do Maranhão. Diz que sua mãe foi mandada vender na Bahia ou Rio de Janeiro por seu ex-senhor, o falecido Tibério Cezar



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

Burlamaqui, há mais de dezoito anos, não tendo desde então a mais leve e menor notícia dela pelo que julga não mais existir (FALCI, 1997, p.274).

Podemos imaginar, desta maneira, o sofrimento desta mãe ao ter que viver separada do filho e este longe da mãe. Essas mulheres não tinham nenhum controle sobre as suas vidas. Ao contrário, as suas vidas eram controladas pelos senhores, embora existissem comprovações de resistências. Muitos escravizados ao saber da sua venda fugiam para não serem vendidos e, assim, se separarem dos seus parentes.

Ao constatar a mobilidade das mulheres negras nas ruas do Recife, Koster certamente viu essas mulheres executando os seus afazeres fossem elas escravizadas, livres ou libertas. Mas, a condição não se diferenciava muito entre elas, tendo em vista a hierarquização da sociedade na qual o homem branco ocupava o primeiro lugar. Desta forma, ser mulher, ser negra e escravizada, não era uma condição fácil de ser vivida.

Desta forma, a leitura do texto de Koster nos mostra uma imagem das mulheres no final do período Colonial, a qual havia diferenças entre o ser uma mulher da elite e das camadas populares, as primeiras viviam de forma mais reclusas que as segundas, que em razão de desenvolverem várias atividades tinham uma maior mobilidade pelos espaços públicos. Além disso, queremos ressaltar que, apesar do papel secundário que a mulher ocupa no século XIX, percebemos que ela ocupa uma posição importante, é um agente histórico e a historiografia recente tem buscado registrar a memória e história das mulheres, mostrando como elas conseguiram transpor as relações de poder nos diferentes períodos históricos (SOIHET, 1997, p. 275-296). Além disso, não podemos perceber a história das mulheres de forma homogênea porque no interior da sociedade oitocentista, vimos à presença de mulheres negras, escravizadas, livres e libertas vivenciando também suas experiências. Essas observações, no entanto, são possíveis hoje devido à Nova História a qual nos possibilitou novos objetos de estudos como é o caso das Histórias das mulheres que tem avançado significativamente.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. *Abertura: a Nova História, Seu Passado e Seu Futuro*. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992, p. 7-37.



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres: As Vozes do Silêncio*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 217-235.

D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e Família Burguesa*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 223-240.

FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do sertão nordestino*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 241-277.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. 11. Ed. Recife: Massangana, 2002 [1816].

_____. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Volume 12 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: ABC Editora, 2003 [1816]. 2 volumes.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992, p. 63-95.

SHARPE, Jim. *A História Vista de Baixo*. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992, pp. 39-62.

SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275-296.